UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

FOI DADA A LARGADA: A PRESENÇA DA MULHER NO TURFE E O JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO

Bruna Malvar Lima
RA:131033913
Lara Rangel Gianvito Sant’Anna
RA: 131033492

BAURU/SP
2017

Bruna Malvar Lima; Lara Rangel Gianvito Sant'Anna

RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL

Livro Reportagem "Foi dada a largada: a presença da mulher no turfe e o Jockey Club de São Paulo"

Relatório de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.
Orientador do Projeto Experimental: Prof. Dr. José Carlos Marques

Bauru, 2017

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos a todos que tornaram esse livro-reportagem viável.

Em primeiro lugar, aos nossos pais e familiares que estiveram presentes e tornaram possível nossa graduação.

Ao nosso orientador, José Carlos Marques, que acreditou na viabilidade do produto e nos incentivou desde a escolha do objeto, inclusive nos momentos mais difíceis de execução.

À equipe de Comunicação e Marketing do Jockey Club de São Paulo, que sempre disposta a nos ajudar, permitiu que pudéssemos explorar o interior do clube com nossos gravadores e câmeras, sem restrições.

Aos profissionais do Jockey que nos encantaram com suas histórias, e que se reunidas estariam em um outro livro.

As mulheres entrevistadas, que não mediram esforços para possibilitarem as entrevistas, e ao relatarem suas histórias, permitiram que escrevêssemos a nossa.

Aos amigos, principalmente os que já pertencem à família, por todo o auxílio durante as incontáveis horas de produção.

À Unesp e a cidade de Bauru por formarem essa parceria.

RESUMO

O trabalho apresenta a vida das mulheres que estão inseridas no turfe como forma de trabalho e como hobbie, estando direta ou indiretamente ligadas ao cavalo. Bem como a história do Jockey Club de São Paulo, por meio de um livro reportagem. Ele mostra as dificuldades e as barreiras que as mulheres encontram no meio turfístico, que é historicamente e majoritariamente masculino. O livro conta com um levantamento histórico do Jockey Club de São Paulo, perfis das entrevistadas, relato de experiência e fotografias.

Palavras-chave: livro-reportagem; jornalismo; turfe; mulheres.

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO…….….….5**
2. **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA…….….……7**

2.1 - Justificativa do gênero e formato escolhido…….…….……...7

2.2 - Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto…….…..….…..8

3. **PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO…….…....9**

3.1 - Público alvo……...….…..9

3.2 - Circulação……..……..….9

3.3 - Custos de implantação……..…..…..…10

4. **METODOLOGIA DE EXECUÇÃO……10**

4.1 - Descrição das atividades empregadas…….….....10

4.1.1 - Cronograma…….…….....10

4.1.2 - Pesquisa…….…….…...11

4.1.3 - Entrevistas……..…….……...11

4.1.4 - Fotografias…….……..……..12

4.1.5 - Transcrição…….……...…….……...13

4.1.6 - Diagramação…….……...…….....13

4.2 - Descrição técnicas empregadas……..…….……...……15

4.3 - Descrição do produto final……...……...…16

5. **CONSIDERAÇÕES FINAIS……..……17**
6. **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA…….…..…..18**
7. **APÊNDICES E ANEXOS……..….19**

1. INTRODUÇÃO

“Foi dada a Largada” é um livro reportagem sobre as mulheres que participam de forma ativa do turfe, que, em termos básicos, é um esporte que consiste na corrida de cavalos. A data certa de sua origem é desconhecida, mas acredita-se que a prática de competição de velocidade com cavalos exista desde a Grécia antiga. O esporte se popularizou mesmo no século XVII, quando a Inglaterra regulamentou as inscrições e retiradas dos cavalos. De acordo com Barcellos, as corridas existiam no país desde o Rei Ricardo I, no século XVII – por isso a nomenclatura “esporte dos reis”- mas de forma não oficial, como diversão. Desde a regulamentação, o turfe tornou-se um esporte conhecido e praticado mundialmente. Existem diversas modalidades, ocorrendo em diferentes pistas, circuitos, com a presença ou não de obstáculos. Os hipódromos - locais onde acontecem as corridas - possuem regulamentos próprios, nos quais especificam seus tipos de provas.

No Brasil, o Turfe começou no final do século XIX, quase simultaneamente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, nas quais permanece até hoje. Apesar de existirem competições para cavalos de outras raças, os puro-sangue ingleses dominam a maioria das provas nos hipódromos oficiais. O tipo de corrida mais comum no Brasil é conhecido pelos britânicos como flat. É a competição na pista plana, sem obstáculos, na qual o vencedor é o cavalo que atravessar em menor tempo a distância entre dois pontos, que pode ser de 1000m até 3218m. A corrida pode acontecer na grama ou areia e não possui trilhos, ou seja, os cavalos podem alternar o balizamento durante a prova.

Como personagens indispensáveis para a ocorrência de uma corrida têm-se o criador de cavalos, o proprietário, o treinador, o jóquei e o cavalariço. Em um país no qual a exploração de jogos de azar é proibida, a aposta em cavalos de corridas é sancionada por lei, atraindo assim diversos apostadores para o esporte - que podem ser chamados de turfistas.

A quantidade de mulheres nesse ambiente, seja trabalhando ou apenas acompanhando como hobbie, é pequena. Não são encontrados dados oficiais sobre o assunto, mas em um levantamento feito por nós, 80% do público é masculino, e apenas 5% dos jóqueis são mulheres.

Considerando que o Turfe era o esporte mais noticiado do país, no começo do século XX - com o dobro de espaço dos dedicadas ao futebol (COELHO, 2013) – é perceptível que a atividade está em crise. Mesmo os principais eventos dos hipódromos, como os Grandes Prêmio São Paulo e Brasil, não contam com um público expressivo. A falta de renovação desse público também é visível. Ao frequentar o Jockey por certo tempo, é comum encontrar sempre as mesmas pessoas.

Para adentrar esse universo, optou-se por explorá-lo através do jornalismo literário. Acompanhando o dia -a- dia das mulheres e do Clube, criamos um relato mais próximo e envolvente sobre as rotinas.

> No jornalismo literário o horizonte de tempo não se limita à atualidade, pois abrange a contemporaneidade. O objetivo central não é direcionar o foco de visão a um fato noticioso estreito, mas abarcar a vida como ela é e procurar responder aos porquês, sempre procurando capturar a atenção e a imaginação do leitor – telespectador – ouvinte – internauta (VILAS BOAS, 2005, p. 6).

Abordar um assunto tão inexplorado pela grande mídia foi possibilitado ao trabalhar o jornalismo literário através de perfis. É envolvendo-se com a vida dos personagens que o leitor perceberá a validade jornalística do que ali está descrito, tanto na exposição do turfe como esporte, como no debate do espaço ocupado pela mulher num meio majoritariamente masculino. Segundo Vilas-Boas (2003), o perfil é um gênero jornalístico que necessita da literatura para hipnotizar o leitor.

> Os perfis cumprem um papel importante que é gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Com o livro, lançamos luz não apenas a um esporte que cada vez mais fica na história, como também damos voz e espaço para as mulheres que batalham nele diariamente. Vilas Boas disse que “Onde há pessoa humana, pode ter uma história maravilhosa a ser contada (p. 361)” e o Jockey Club de São Paulo é um dos espaços da cidade em que essas grandes histórias não haviam sido exploradas de maneira exaustiva, nem pela mídia geral ou nem pela especializada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - Justificativa do gênero e formato escolhido.

Livro Reportagem:

Para contar a história do Jockey Club de São Paulo, do turfe e das mulheres que participam deles ativamente, escolhemos o formato de livro reportagem. Acreditamos que dessa forma, as pessoas teriam uma imagem mais próxima e os leitores teriam uma experiência mais imersiva no tema. Sendo assim, a leitura se tornaria mais agradável e próxima, ainda que o assunto não fosse comum a grande maioria dos leitores.

> Ao articular um livro reportagem, o autor inicia um jogo implícito com o seu leitor, atraí-lo de seu mundo mental e emocional, cativa-lo para abstrair-se - no momento da leitura ou no momento dos diversos segmentos que constituem a leitura de um obra escrita - desse mundo, em alguma medida, para um mergulho no universo particular contido, representativamente, no livro. (LIMA p.143)

Dentro do formato livro-reportagem, a vertente do jornalismo literário foi empregada, uma vez que “de todas as formas de expressão do jornalismo e da literatura, a modalidade que melhor utiliza o potencial do livro reportagem é o jornalismo literário. Os dois combinam-se, adequam-se, agregando conteúdo sólido e narrativa poderosa (LIMA, 2009 p.351).

Edvaldo Pereira Lima classifica os livros-reportagens em 13 tipos. Dentro dessa classificação, ”Foi dada a largada: a presença da mulher no turfe e o Jockey Club de São Paulo” se enquadra no livro reportagem retrato, que “focaliza uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar do objeto em questão. Visa elucidar, sobre tudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade”. No livro, o Jockey e seus frequentadores - principalmente as mulheres - são o foco, é sobre eles que escrevemos. Buscamos entender o ambiente e suas práticas, descrevendo o cotidiano e a história do clube, ao mesmo tempo em que problematizamos o lento

avanço da inserção feminina no espaço. Por que em pleno século XXI existe um ambiente tão pouco aberto para a participação feminina?

Por se tratar de um espaço e de um esporte pouco conhecido do público geral, durante a produção do livro, buscamos aproximar o leitor das histórias das personagens. Mesmo se passando em um ambiente pouco familiar, o assédio sofrido por elas e várias das situações cotidianas contadas, são realidade para muitas pessoas, ainda mais considerando o dado de que 52% das mulheres do mundo[1] dizem ter sofrido assédio no ambiente de trabalho[1]. O livro busca apresentar uma visão balanceada sobre as personagens e sobre o clube. Não pretendemos criar heróis e vilões dentro da narrativa, e sim mostrar as personagens com toda a complexidade que têm na vida real.

> A humanização é outra marca distinta do jornalismo literário que cai bem com o livro reportagem. Toda boa narrativa real só se justifica se nela encontrarmos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipediamos. (LIMA, 2013 p359)

2.2 – Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto.

O livro reportagem foi pensado na vertente do jornalismo literário, que é uma "modalidade de prática de reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da ou inspirados pela literatura" (VILAS BOAS, 2005). Dessa forma, mesmo se tratando de um produto jornalístico, abrimos mão da objetividade típica das reportagens, e abrimos espaço para as figuras de linguagem, humanização e um contar mais lento da história. Sem deixar de lado a apuração e a informação características do gênero jornalístico.

> Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade

[1] Marcelle Souza, 52% das mulheres já sofreram assédio no trabalho; falta de provas dificulta condenações. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2013/03/08/52-das-mulheres-ja-sofreram-assedio-no-trabalho-falta-de-provas-dificulta-condenacoes.htm>. Acesso em:13-02-2017.

> aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira." (PENA, 2006)

Outro trabalho de extrema importância, foram as entrevistas. Graças a elas pudemos traçar um perfil do clube e compreender melhor o ambiente e seu funcionamento. "A entrevista, nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 2000 p.8)

3. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

3.1- Público alvo

O público alvo específico do livro reportagem "Foi dada a largada: a presença da mulher no turfe e o Jockey Club de São Paulo" são homens e mulheres do Brasil, a partir do final da adolescência, que se interessem por esporte. Não é um livro específico para turfistas, uma vez que se preocupa em explicar a atividade nos seus princípios mais básicos. No entanto, ao abordar a visão e a vivência das poucas mulheres que participam de alguma maneira do clube, o livro traz histórias e reflexões relevantes mesmo para os frequentadores mais assíduos dos hipódromos. É explorando a exclusão da mulher de um ambiente esportivo e de trabalho também - um tema que está em alta nas discussões da sociedade brasileira - que o livro se torna interessante a homens e principalmente mulheres, que não conhecem o turfe de forma específica, mas que se interessam por discussões sobre machismo.

3.2 Circulação

A circulação prevista para o livro reportagem é, num primeiro momento, regional, uma vez que nos focamos no turfe exercido no Jockey Club de São Paulo. Apesar disso, tratamos do turfe de forma geral quando inserimos profissionais localizados em outros hipódromos também, como Rio de Janeiro e Paraná. Ao lado da temática do turfe, também tratamos da questão da mulher, o que torna o livro apto a circular em território nacional, já que não é algo restrito ao Jockey.

3.3- Custos de Implantação

Durante o processo de apuração, entrevistas e fotografias, os custos foram em relação a passagem de ônibus de Bauru para São Paulo, em um custo de aproximadamente R$106,00 ida e volta; e de transporte metropolitano dentro da capital paulista (R$7,80 ida e volta). Sendo o projeto gráfico, a diagramação e a grande maioria das fotos de produção das autoras, não houve custo extra. As fotos que não são de nossa autoria foram cedidas de forma gratuita. Ainda estamos fazendo orçamentos para a definição da impressão do livro, mas estimamos que cada exemplar custe em torno de 50 a 90 reais. A primeira tiragem será de somente 10 exemplares.

4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

4.1 - Descrição das atividades empregadas

4.1.1 - Cronograma

Atividade/Mês	Set/ 16	Out/ 16	Nov/ 16	Dez/ 16	Jan/ 17	Fev/ 2017
Definição do Tema	x					
Pesquisa	x					
Buscar fontes	x					
Entrevistas com as fontes		X			x	
Captação de fotos		X	x	x	x	

						x
Redigir texto da reportagem				X	x	x
Revisão geral						x
Diagramação do Livro						x

4.1.2 - Pesquisa

Como o livro conta com uma parte histórica sobre o Jockey Club de São Paulo, foi necessário fazer uma pesquisa levantando o histórico do Clube. Essa pesquisa foi feita lendo o acervo dos jornais paulistas da época como Folha de S.Paulo e Estado de São Paulo e com base na história da própria cidade de São Paulo.

Outro levantamento histórico que foi necessário foi para criar o perfil de D. Margarida Polak Lara. Por já ter falecido, não foi possível entrevistá-la então buscamos entrevistas que ela tinha concedido anteriormente e entrevistamos e conversamos com as pessoas do Jockey que ainda têm D. Margarida na memória.

4.1.3 – Entrevistas

Ao todo foram entrevistadas nove mulheres de forma oficial para compor os relatos do livro. Aconteceram conversas com outras pessoas, mas elas não entraram no livro como personagens. Durante os dias que visitamos o Jockey no intuito de escrever o livro, interagimos e conversamos com diversos frequentadores do Jockey Club de São Paulo, com o propósito de entender melhor o ambiente e criar um relato objetivo sobre o dia-a-dia do clube.

A escolha das mulheres entrevistadas foi feita com base na “oferta”. Como são poucas as mulheres que possuem cargos dentro do esporte, a seleção não foi

difícil. A Camila e a Cristina Resende, por exemplo, são as únicas mulheres a desempenharem suas funções. A Dailey é a única aprendiz na escolinha de São Paulo. A profissão com mais mulheres são as joquetas, nesse caso entrevistamos uma representante de cada hipódromo, mas que mesmo não atuando mais em São Paulo, mantém uma relação forte com o turfe paulistano.

Para as entrevistas foi feito um roteiro prévio com perguntas básicas. Esse roteiro era bem similar para todas, mudando apenas o direcionamento dependendo da função que desempenham. A partir das respostas fazíamos outras perguntas que eram diferentes para cada uma.

Antes das entrevistas fizemos um contato prévio com todas as entrevistadas explicando o que estávamos fazendo e perguntando se tinha interesse em responder nossas perguntas. Com a afirmativa marcamos as entrevistas, sempre no Jockey. As únicas que não foram marcadas previamente foram as com Andréa Portes e com a Cristina Cardozo, entrevistamos as duas em um dia que nos encontramos no Clube.

Com exceção de três, todas as entrevistas foram pessoais. As conversas com Halitheya, Cristina Resende e Camila foram feitas virtualmente, porque elas moram no Paraná, Rio de Janeiro e Campinas respectivamente. A Viagem não pode ser feita, então as entrevistas aconteceram por FaceTime e por telefone.

4.1.4 – Fotografias

As fotos que ilustram o livro foram tiradas durante as várias visitas que fizemos ao Jockey. Parte das fotos fazem parte do acervo pessoal da Bruna e outras foram cedidas por fotógrafos que trabalham no clube há muito tempo. As câmeras utilizadas para a produção das fotos são de uso pessoal.

As fotos foram colocadas no final de cada parte para que o leitor pudesse ter a imagem do que foi descrito de forma mais organizada. Com isso o livro conta com três sessões de fotos.

4.1.5 – Transcrição

Nós optamos por não transcrever os diálogos das entrevistas no texto do livro. Priorizamos por contar as histórias através de discurso indireto, para que fosse possível fazer algumas reflexões entre as falas das personagens. Para isso, ouvimos as gravações algumas vezes, e anotamos algumas falas. Inserimos algumas aspas, inclusive em títulos de capítulos, por acreditarmos que elas mereciam destaque por sua importância para a compreensão e desenvolvimento do texto.

4.1.6 – Diagramação

A diagramação do livro ficou sob nossa responsabilidade. Para fazê-la, utilizamos o Adobe InDesign CC 2017. Os ícones e elementos gráficos presentes no livro foram baixados de sites de distribuição gratuita. Algumas alterações de imagens foram necessárias e realizadas através do Adobe Photoshop CC 2017 e Adobe Lightroom CC 2017.

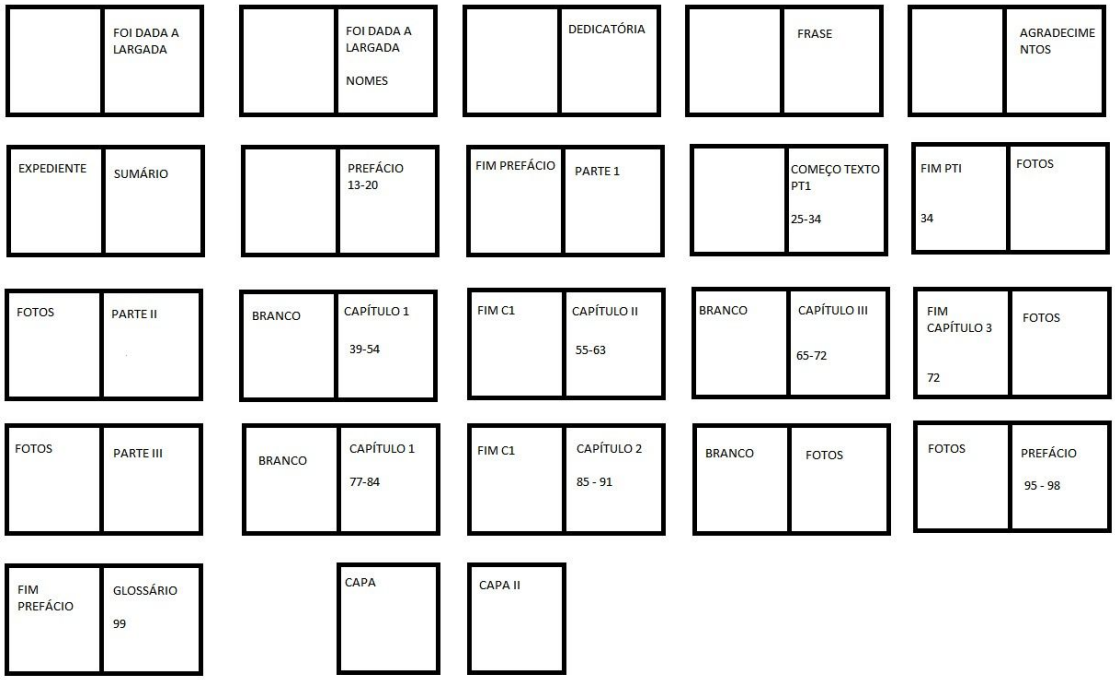
Exploramos o uso de branco e optamos por utilizar espaçamentos grandes."O branco que é a reunião de todas as radiações, quando usado na mídia, remetemos a um sentimento de paz, de isolamento" (COLLARO, 2007 p.27). Além disso, empregamos no texto tipologia serifada (Georgia). O objetivo em comum destas três opções foi tornar a leitura mais agradável aos olhos dos leitores. A tipologia dos títulos não é serifada (Caviar Dreams), mas é fina e espaçada, seguindo o projeto editorial.

Utilizamos coluna única nas páginas de texto. A única exceção é vista no prefácio, que é um "texto que explica a obra […] São páginas peculiares que as editoras procuram conferir uma diagramação diferenciada. Quanto melhor seu tratamento visual, maior a aceitação da obra pelo leitor" (COLLARO, 2007 p. 74). A ideia de diferenciar esse fragmento partiu de que começamos o livro com conhecimentos e vivências diferentes em relação ao objeto de nosso livro. Era necessário expor essa realidade para o leitor. Optamos por dividir o texto do prefácio em duas colunas e em cores extremamente distintas, para não confundir o leitor. Foi

a única parte do livro que escrevemos separadas. O fim do prefácio é feito em coluna única. A partir daquele momento, todo o texto foi compartilhado e escrito pelas duas autoras.

Utilizamos cinco ícones. Inserimos cavalos correndo nas linhas do sumário, fazendo alusão à principal atividade do turfe. Colocamos ferraduras como molduras dos números das páginas. Acreditamos que seja um elemento que remeta o leitor imediatamente às figuras de cavalos. Como divisor de texto dentro dos capítulos, utilizamos o ícone de chicote. O formato fino e longilíneo tornaram o ícone perfeito para a função. Além disso, o chicote é o primeiro elemento a ser lembrado quando se pensa na profissão de jóquei. O quarto ícone é um cavalo e seu jóquei em posição de canter ou de galope. Ele foi inserido nas páginas dedicadas à divisão das partes. Com um grau elevado de transparência, foi utilizado com o intuito de diminuir o branco elevado dessas páginas, que a tornavam cansativas. Além disso, recuamos os títulos relacionados às partes à direita, para equilibrá-los com os ícones que foram recuados à esquerda. O último símbolo utilizado foi o capacete. Usamos ele como bullet point no glossário, o que tornaria a lista de palavras mais organizada e de mais fácil compreensão.

O espelho abaixo é o modelo que utilizamos no livro. Ao final de cada parte, ilustramos o texto com imagens correspondentes. Tratamos de um universo específico para um público não especializado, tornando as imagens indispensáveis. Optamos por começar cada parte e capítulo nas páginas à esquerda, já que são páginas de destaque.



4.2 – Descrição técnicas empregadas

A primeira parte para o desenvolvimento do projeto foi a pesquisa sobre a história, características e singularidade do turfe e do Jockey Club. A partir disso, foi feita uma análise mais profunda e criteriosa sobre a presença feminina dentro do esporte. Este que já teve seus dias de auge e hoje sofre com o desinteresse da mídia e do público, que ou o conhece pouco, ou não o conhece de forma alguma. Quanto às mulheres, mesmo tendo ganhado espaço nos últimos anos, sua participação continua sendo muito inferior à participação masculina.

O passo seguinte a pesquisa foi a entrevista. Para isso acompanhamos as entrevistadas durante seu tempo de dedicação ao turfe e ao Jockey Club, e marcamos um horário para poder conversar. Entrevistamos mulheres que participam de alguma forma da cadeia produtiva do turfe. São elas: Joqueta (atleta responsável por conduzir o cavalo durante a corrida); Aprendiz (joqueta em treinamento); Treinadora (responsável por treinar e preparar o cavalo para as competições); Cavalariça (trabalha em conjunto com a treinadora no preparo do cavalo); Proprietária (Dona do cavalo e da farda que ele representa); Criadora (cria cavalos de corrida, por vezes mantendo-os em sua propriedade); Turfista (torcedora e

apostadora); e Mensageiras (responsável pelo recebimento das apostas dos turfistas).

Outro importante elemento do livro são as fotografias que servem para ilustrar o cotidiano das mulheres, bem como o ambiente do Jockey Club. As fotos foram tiradas durante os dias passados no clube.

Por fim, teve a produção do texto, que foi feita concomitantemente com as entrevistas, o que possibilitou o aprimoramento da mesma e um direcionamento mais específico para as necessidades do livro. Com o livro pronto, iniciou-se o processo de diagramação e tratamento das imagens.

4.3 - Descrição do produto final

O livro-reportagem tem formato A5 e 100 páginas. Ele é dividido em 3 Partes, além de prefácio, pósfacio, agradecimentos e glossário. A primeira parte explica sobre o turfe e conta a história do Jockey e tem capítulo único. A segunda parte conta sobre as mulheres que estão ligadas ao esporte, e tem 3 capítulos. O primeiro capítulo conta sobre aquelas que estão diretamente lidando com o cavalo, que são as joquetas, treinadora e cavalariça. O Segundo capítulo sobre quem cria e possui um cavalo e o terceiro capítulo sobre as apostas, que representam parte significativa do esporte. A terceira e última parte conta com dois capítulos. O primeiro descreve um dia de corrida e o segundo descreve as situações que as mulheres passam durante a vivência no clube exclusivamente por serem mulheres. Entre elas estão situações de assédio, machismo e aspectos da profissão que não foram pensados nem trabalhados para as necessidades femininas.

Os nomes dos capítulos são com base em frases ditas nas entrevistas ou sobre o dia-a-dia no clube. Ao final de cada parte tem uma galeria de fotos ilustrando o tema da parte em questão.

O glossário existe porque dentro do meio turfístico têm vários termos que não são de conhecimento popular, então, para deixar a leitura do livro mais dinâmica optamos por explicá-los no fim do livro. A maioria das palavras diz respeito aos materiais usados nos cavalos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de escrever “Foi dada a largada: a presença da mulher no turfe e o Jockey Club de São Paulo” veio da mistura da vivência e da curiosidade. As duas autoras tinham experiências diferentes sobre o tema e isso colaborou para que o livro existisse. Em um momento inicial o projeto era para contar o histórico do Jockey Club de São Paulo, dando espaço para seus trabalhadores mais diversos, da parte administrativa aos que estão ligados ao turfe. Porém, enquanto a ideia era discutida, percebeu-se que seria mais interessante focar mais no esporte do que no espaço no qual ele acontece. Além disso, seria diferente abordá-lo na visão das mulheres, justamente por elas comporem uma pequena parte do total de atletas, profissionais e entusiastas das corridas. Muitas profissões dentro do Jockey não tem uma única mulher, o que em tempos de discussões sobre feminismo e igualdade torna a abordagem ainda mais relevante. Essa ligação temática com o que ultrapassa os portões do Jockey é o que torna o livro interessante ao público que desconhece às atividade turfísticas.

Considerando tudo isso surgiu “Foi dada a largada: a presença da mulher no turfe e o Jockey Club de São Paulo”, um livro reportagem que não só fala de um esporte pouco explorado atualmente, como também o aborda na visão das que são menos prestigiadas dentro dele.

Uma das grandes dificuldades para a produção do livro foi conseguir marcar as entrevistas, porque o momento que as autoras teriam mais tempo para ficar em São Paulo foi durante o fim de ano, momento que muitas pessoas viajam e as atividades param, mesmo com o Jockey funcionando de acordo com o calendário do hemisfério norte. Além disso, tanto o Jockey como a UNESP passaram por um período de greve. No clube esse período dura até agora e devido a isso, a liberação da autorização, bem como possíveis entrevistados foram difíceis de conseguir.

Outro empecilho foi o medo de algumas entrevistadas em falar sobre os assédios e as dificuldades que passam. O medo pode ser baseado na possibilidade de represália, de ser mal interpretadas e com isso perder oportunidades. O receio

ficava evidente nas respostas evasivas quando o assunto era o assédio, e no desconforto da expressão.

Para que pudéssemos circular pelas dependências do clube livremente, tirar as fotos e entrevistar as pessoas, foi necessário uma autorização. O orientador fez um documento explicando o nosso trabalho e esse documento foi entregue para o marketing do clube, permitindo assim, nossa circulação.

Para a realização do trabalho a ajuda que recebemos dos pais da Bruna também foi muito importante. Além de nos ajudar respondendo algumas dúvidas sobre o esporte, o apoio deles nos permitiu acompanhar os dias de trabalhos pela manhã e a ter uma experiência mais imersiva no cotidiano dos trabalhadores do Jockey.

Escrever esse livro-reportagem foi muito gratificante. Com ele compreendemos melhor o universo feminino não apenas dentro do turfe, mas na sociedade de forma geral. Ouvir os relatos das mulheres nos fez perceber o quão gritante é a desigualdade de gênero e o machismo nos mais diversos cargos que uma pessoa ocupa. Ao escrever esse livro queríamos dar luz a um esporte muito tradicional, mas que, principalmente na cidade de São Paulo, está cada dia mais em decadência, e mostrar a força que as mulheres têm e o quanto elas podem contribuir para perpetuar as corridas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, Sergio. Cavalos de Corrida - Uma Alegria Eterna. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- COLLARO, Antonio Celso. Produção Gráfica: Arte e técnica da mídia impressa. São Paulo: Pearson Pretience Hall, 2004
- FERREIRA, C. Literatura e jornalismo – práticas políticas. São Paulo: Edusp, 2003.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas. São Paulo: Manole, 2004.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2002

- New Journalism: a reportagem como criação literária - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social – Rio de Janeiro, 2003. (Cadernos da comunicação, Série Estudos, v.7).
- PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito, 2006.
- VILAS BOAS, Sergio (org.). Jornalismo narrativo – um percurso filosófico. Apostila, 2005.
- WOLFE, Tom. El nuevo periodismo. Barcelona: Anagrama, 1976.

7. APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice 1: PERGUNTAS BASE - JOQUETAS

- há quanto tempo está envolvida com o turfe?
- Como e por que começou essa relação?
- O que você mais gosta no esporte?
- O que você menos gosa no esporte?
- O que você acha da atual situação do turfe no Brasil?
- Quantas horas se dedica ao turfe por dia?
- Qual a sua rotina?
- Por que decidiu ser Joqueta?
- Qual o seu maior sonho dentro do esporte?
- Na sua opinião, por que o turfe atrai poucas mulheres?
- Já passou por alguma situação de assédio ou preconceito por ser mulher?
- Sua família te incentiva a continuar no turfe?
- Qual foi sua maior conquista dentro do esporte?

PERGUNTAS BASE- MENSAGEIRA

- Há quanto tempo trabalha como mensageira?
- Gosta de corridas de cavalo?
- Já fez alguma aposta?
- Conhecia o esporte antes de vir trabalhar aqui?
- Qual o caso mais curioso envolvendo apostas que você já presenciou?

- O que você acha da falta de mulher no Jockey Club?
- Qual é a sua rotina de trabalho?
- Qual a sua opinião sobre as apostas e os apostadores?
- Qual a maior aposta que você já viu alguém fazer?

PERGUNTAS BASE - TREINADORA

- Há quanto tempo é treinadora?
- Por que virou treinadora?
- Como começou a relação com os cavalos e com o Jockey?
- Qual a sua cidade natal?
- Por que você escolheu o Jockey do Rio de Janeiro?
- O que você acha da situação do turfe atualmente?
- Na sua opinião, por que poucas mulheres se interessam pelo esporte?
- O que você acha que pode ser feito para atrair mais mulheres?
- Qual a sua rotina de treinadora?
- O que você mais gosta e menos gosta na profissão?
- Qual o seu maior sonho profissional?
- Qual foi o maior momento da sua carreira até agora?
- Já passou por alguma dificuldade ou preconceito por ser mulher?
- Como é ser mulher em um ambiente tão masculino?
- O que acha da crise no Jockey de São Paulo?

PERGUNTAS BASE - CAVALARIÇA

- Como e por que começou sua trajetória no turfe?
- Qual a sua cidade natal?
- O que fez você virar cavalariça?
- Qual a melhor e qual a pior parte do trabalho?
- Como era a sua rotina?
- Já sofreu algum tipo de discriminação ou assédio por ser mulher?
- Por que você acha que tem poucas mulheres no meio turfístico?
- O que você acha da situação atual do turfe?
- Gostava dos tempos de escolinha?
- Quais as maiores diferenças entre ser joquetas, galopadora e cavalariça?

Apêndice 2 - Fotos utilizadas no livro

Capa: (Bruna Malvar)

PARTE 1:

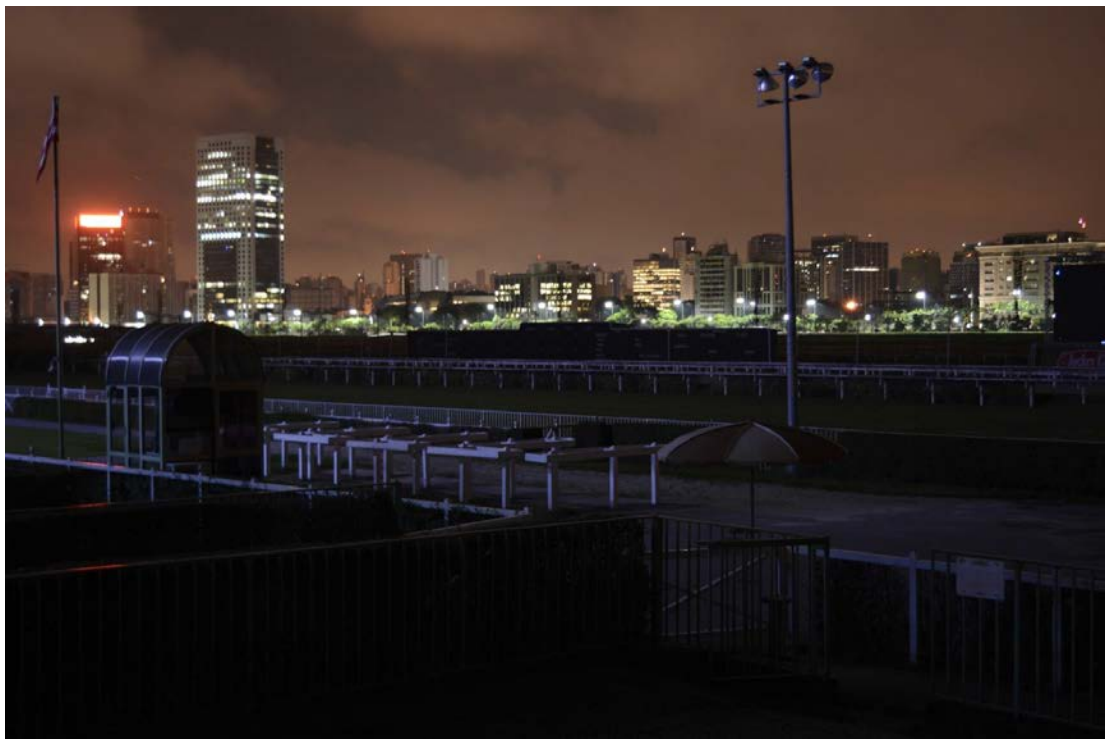
Grande Prêmio São Paulo 1976 (Porfírio Menezes)

Grande Prêmio São Paulo 2016 (Bruna Malvar)

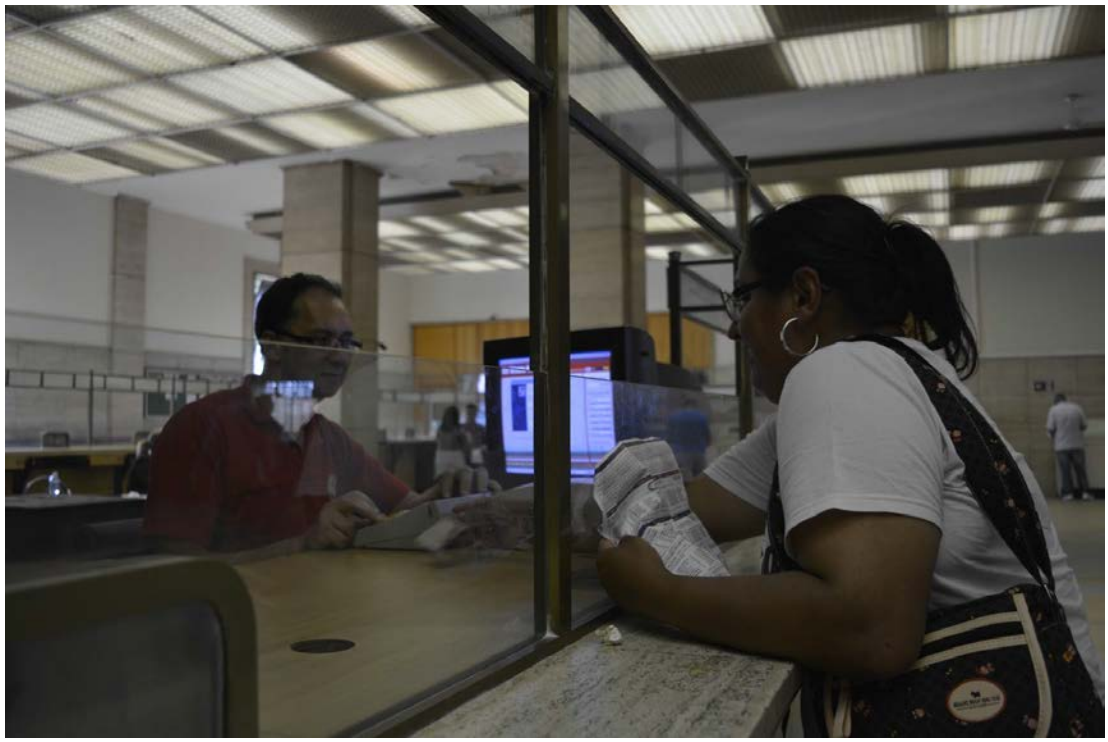
Leilão (Bruna Malvar)

Cabines de apostas fechadas (Lara Sant'Anna)

Vista do Jockey às 5 da manhã (Lara Sant'Anna)



PARTE II
Tirfista fazendo uma aposta (Lara Sant'Anna)



D. Margarida Polak Lara nos anos 80 (Porfírio Menezes)

Joqueta no cânter (Bruna Malvar)

Sequência de fotos com a Josiane montando o cavalo (Lara Sant'Anna)

Disputa de páreo (Porfírio Menezes)

Equipe comemorando a vitória no winner circle (Bruna Malvar)